

O “HORROR AO AMOR LGBT+”: A NOVILINGUA FASCISTA DE PASTORES NEOPENTECOSTAIS E O COMBATE AOS DIREITOS DA POPULAÇÃO LGBT+

EL “HORROR AL AMOR LGBT+”: LA NEOLENGUA FASCISTA DE LOS PASTORES NEOPENTECOSTALES Y LA LUCHA CONTRA LOS DERECHOS DE LA POBLACIÓN LGBT+

THE “HORROR TO LGBT+ LOVE”: THE FASCIST NEWSPEAK OF NEO-PENTECOSTAL PASTORS AND THE FIGHT AGAINST THE RIGHTS OF THE LGBT+ POPULATION

ELIBIO JÚNIOR, ANTÔNIO MANOEL

Doutor em História – UNICAMP

E-mail: tonyelibio@hotmail.com

KOBAYASHI, FRANKLIN DUARTE

Mestre em Direitos Humanos – UFPB

E-mail: franklinkobayashi@gmail.com

NASCIMENTO, LEONARDO DE SANTOS

Doutor em Design – UFPE

E-mail: datrinta@gmail.com

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo analisar a emergência dos discursos utilizados pelos pastores neopentecostais Marco Feliciano e Silas Malafaia contra a população LGBT+. Utilizaremos como estratégia de análise o conceito de novilingua fascista para compreender como as representações produzidas sobre a população LGBT+ desempenharam um papel de normalização da violência e desumanização destes grupos vulneráveis. Com tais técnicas discursivas, a novilingua fascista produziu um estado de irrealidade em que as teorias da conspiração e as notícias falsas, como o “kit gay” ou “banheiro unisex” tomaram o lugar do debate público ameaçando as vidas dessa comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Direitos Humanos, População LGBT+, fascismo, pastores neopentecostais.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar el surgimiento de discursos utilizados por los pastores neopentecostales Marco Feliciano y Silas Malafaia contra la población LGBT+. Utilizaremos el concepto de neolengua fascista como estrategia de análisis para comprender cómo las representaciones producidas sobre la población LGBT+ jugaron un papel en la normalización de la violencia y la deshumanización de estos grupos vulnerables. Con tales técnicas discursivas, la neolengua fascista produjo un estado de irrealidad en el que las teorías de conspiración y las noticias falsas, como el “kit gay” o el “baño unisex” tomaron el lugar del debate público, amenazando las vidas de esta comunidad.

PALABRAS CLAVES: Derechos Humanos, población LGBT+, fascismo, pastores neopentecostales

ABSTRACT

This article aims to analyze the emergence of discourses used by neo-Pentecostal pastors Marco Feliciano and Silas Malafaia against the LGBT+ population. We will use the concept of fascist newspeak as an analysis strategy to understand how the representations produced about the LGBT+ population played a role in normalizing violence and dehumanizing these vulnerable groups. With such discursive techniques, fascist newspeak produced a state of unreality in which conspiracy theories and fake news, such as the “gay kit” or “unisex bathroom”, took the place of public debate, threatening the lives of this community.

KEYWORDS: Human Rights, LGBT+ population, fascism, neo-Pentecostal pastors.

Esse artigo tem como objetivo analisar a emergência dos discursos utilizados pelos pastores neopentecontais Marco Feliciano e Silas Malafaia contra a população LGBT+. Utilizaremos como estratégia de análise o conceito de novilíngua fascista para compreender como as representações produzidas sobre a população LGBT+ desempenharam um papel de normalização da violência e desumanização destes grupos vulneráveis. Com tais técnicas discursivas, a novilíngua fascista produziu um estado de irreabilidade em que as teorias da conspiração e as notícias falsas, como o “kit gay” ou “banheiro unisex”, tomaram o lugar do debate público ameaçando as vidas dessa comunidade. É importante sinalizar que não tomaremos as igrejas evangélicas como algo uniforme, mas como um enorme mosaico de arranjos teológicos diversos, uma vez que entre as denominações também encontramos igrejas inclusivistas/progressistas ou afirmativas quanto a população LGBT+.

Tal como Francisco Carlos Teixeira da Silva (2019) examina a emergência de um socioleto utilizado por grupos sociais e políticos da ultradireita brasileira, nossas análises se debruçarão sobre o socioleto ou “novilíngua”ⁱ utilizada pelos pastores neo-pentecostais Silas Malafaia e Marco Feliciano. Faz-se imperativo observar que a “novilíngua” utilizada pelos referidos pastores está em conformidade como o socioleto utilizado pelo bolsonarismo, do qual eles fazem parte. Desse modo, as análises de Silva (2019) acabam por aplicar-se também à análise do socioleto utilizado pelos pastores midiáticos visto que ele se confunde com a “novilíngua” bolsonarista dada a sua comunhão e proximidade. Também nos aproximamos do conceito formulado por Richard Miskolci que afirma que “por meio do mecanismo de resistência do controle da transformação societária conhecido como “pânico moral” aqueles que emergem a partir do medo social com relação as mudanças especialmente as percebidas como repentinas e, talvez por isso mesmo, ameaçadoras”. Neste aspecto, os pastores midiáticos utilizaram essa estratégia para mobilizar um “pânico moral” em torno da pretensa ameaça do casamento gay ante a sobrevivência da instituição em seu papel como mantenedor de toda uma ordem social (MISKOLCI, 2007, p.101). Importante ressaltar, que em 5 de maio de 2011 o Supremo Tribunal Federal equiparou as uniões estáveis homoafetivas as uniões heterossexuais. Em seguida a partir da Resolução n. 175/2013 do Conselho Nacional de Justiça pessoas do mesmo sexo puderam converter sua união estável a casamento, que gerou o termo casamento igualitário. Em 2018 a decisão do STF no Recurso Extraordinário n. 846102 estabeleceu a possibilidade de adoção por casais homoafetivos. Já em 2018 reconheceu o direito das pessoas trans a identidade de gênero. Em 2019, considerou a discriminação e a violência lgbtfóbicas como sendo uma forma de racismo. Por fim, em 2020, o STF reconheceu como discriminatória restrição a doação de sangue por homossexuais e também revogou leis municipais que proibiam abordagem por questões de gênero no âmbito do ensino escolar.

Ainda que o socioleto utilizado pelos pastores midiáticos diferisse da “novilíngua” bolsonarista quanto aos termos e conteúdos proferidos, podemos encontrar um ponto de intercessão entre as duas práticas discursivas no que diz respeito ao modo grosseiro e estigmatizante com que se referem aos seus opositores, ou “inimigos”, no caso do discurso dos religiosos, sem que demonstrem nenhuma preocupação em fazê-los publicamente, muitas vezes em rede nacional. Ao discorrer sobre o socioleto bolsonarista e à sua reverência pública ao torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, Silva (2019) afirma:

A interpretação básica de tais proposições pela mídia, e pela elite política, que não acarretou quaisquer injunções penais contra os autores, remetem para excessos de retórica e para idiosincrasias pessoais, muitas vezes escorrendo para o campo do humor macabro, como se a linguagem (em especial a linguagem totalitária com sua carga explosiva de violência) não tivesse nenhum impacto sobre seus seguidores ou que a linguagem não fosse parte do mundo real. (SILVA, 2019, p. 310).

A negação da existência da LGBTfobia por parte dos pastores, assim como toda a carga depreciativa e estigmatizante presentes em suas declarações quando se referem aos temas que dizem respeito ao universo LGBT nos remetem ao que Silva (2019) chama de “carga explosiva de violência”. Ao negar a LGBTfobia tanto em seus discursos quanto em suas ações políticas, assim como também ao desconsiderar o modo depreciativo e grosseiro com que se referem em público às pessoas LGBT e aos seus direitos, as declarações dos pastores assemelham-se ao modo como a “novilíngua” bolsonarista apresenta-se socialmente: “como se a linguagem não tivesse nenhum impacto sobre seus seguidores ou que a linguagem não fosse parte do mundo real” Silva (2019, p. 310), conforme já trazido anteriormente. Este fato é o que justifica a nossa afirmativa de que o socioleto dos pastores midiáticos aproxima-se do socioleto bolsonarista, no que diz respeito ao modo como ele é publicamente proferido, devendo somar-se a isto os termos compartilhados por ambos, tais como: família tradicional, kit-gay, ditadura gay, privilégios (gay), esquerdopatas, ideologia de gênero, dentre



outras referências depreciativas impregnadas de violência, cabendo incluir neste *hall* de expressões do socioleto utilizado pelos pastores, o lema político “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Silva (2019) recorre à Kershaw (2008) para discorrer sobre a atuação das oratórias de Hitler e Mussolini a influenciar a administração da política e as massas:

Na verdade, conforme a análise que Ian Kershaw faz para a atuação oratória de Adolf Hitler, secundada pela análise de Christian Ingrao para a ação autônoma da elite dos SS, as declarações e os “incentivos” discursivos de Hitler tinham um forte impacto sobre os quadros do NSDAP e da Administração do Terceiro Reich, da mesma forma que os incentivos de Mussolini, do tipo “Io tiro dritto” (“Vamos em frente!”) ou “Chi si ferma è perduto” (“Quem para está perdido”) produziam uma “eletrificação” das milícias de Camice Nere nas incursões sobre os “inimigos do Estado”. (SILVA, 2019, p. 310).

Foge ao objetivo deste artigo investigar os impactos eleitorais das declarações dos pastores SM e MF na política nacional no que diz respeito ao quanto de adesão os referidos religiosos arrebatarem com o seu discurso. No entanto, sabemos que segundo Mariano (2014, p. 91), a Igreja Assembleia de Deus, à qual ambos religiosos estão vinculados é, ao lado da Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Pentecostal com maior sucesso eleitoral na política brasileira. O pastor MF foi eleito em 2018 para Deputado Federal pelo Estado de São Paulo pelo PODEMOS, ocupando a décima posição entre os candidatos mais bem votados no estado, tendo recebido votos de um total de 239.784 eleitores daquele estado. Reeito pela segunda vez consecutiva, MF atualmente exerce o seu terceiro mandato como Deputado Federal pelo Estado de São Paulo. SM, por sua vez, apesar de nunca ter ocupado cargo político, não só ajuda a eleger candidatos durante as campanhas eleitorais como é tido como um influenciador direto do presidente da República Jair Bolsonaro. Segundo o portal de notícias *online*, *Estado de Minas*ⁱⁱ, dentre inúmeros outros disponíveis na *web*, o Senador Flávio Bolsonaro (Republicanos – RJ), filho do presidente, citou o pastor como alguém que dá conselhos ao presidente quase que diariamente:

Presidente da República, Jair Bolsonaro (sem partido) tem contato quase diário com o Silas Malafaia e é influenciado pelo pastor. A questão foi colocada pelo senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ), que também é filho do chefe do governo federal, durante a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da COVID, no Senado Federal, nesta quinta-feira (20/5) [...] “Agora, se querem ouvir alguém que dá conselho ao presidente da República, vou dar o nome: chama o pastor Silas Malafaia aqui. Esse fala quase diariamente com o presidente e influencia o presidente. Chama ele aqui, vê se ele não influenciou alguma coisa”, afirmou Flávio. (ESTADO DE MINAS, 2021, online).

Ademais, ao considerarmos o papel de sucesso que o discurso envolvendo as pautas defendidas pelos pastores desempenhou na última eleição presidencial de 2018, é possível afirmar que as suas declarações encontram respaldo e eco entre os eleitores que levaram o atual chefe do executivo brasileiro ao poder, ou, ao menos, parte deste eleitorado. Trazemos, portanto, o foco da discussão para a observação do que Silva (2019, p. 311) fala sobre o papel do socioleto nas políticas fascistas: “A fala não é neutra e o “socioleto fascista” – essa forma específica de fala fascista - desempenha uma clara função mobilizadora e normalizadora sobre a massa disponível para a fascistização.” Ao identificarmos a emergência de uma “novilíngua” tanto no bolsonarismo quanto nas declarações dos pastores SM e MF, faz-se necessário apontar a função e o papel que o seu uso desempenha, tal como trazido por Silva (2019): uma função mobilizadora e normalizadora.

Silva (2019) discorre sobre a normalização dos socioletos trazendo como pano de fundo da discussão os regimes autoritários de Mussolini e Hitler e estabelecendo uma analogia com a política bolsonarista. Tal como o supramencionado autor, também utilizamos nesta pesquisa, o recurso da analogia em nossas análises, ou seja, realizamos algumas incursões sobre a política bolsonarista em analogia com as declarações e o fazer político dos pastores SM e MF. Apesar de tratarmos aqui, especificamente, das estratégias das políticas fascistas, autorizamo-nos a utilizar o exemplo que Silva (2019) traz sobre o nazismo de Hitler acerca da normalização do socioleto, uma vez que ambos os regimes fascista e nazista tratam-se de políticas autoritárias, podendo ser dito que a observação deste ponto de interseção entre as duas políticas é de nosso interesse uma vez que investigamos a sua possível proximidade com a política bolsonarista, a qual é apoiada e difundida pelos pastores SM e MF. Segundo Silva (2019):



O regime assume, desde cedo, um rápido processo de radicalização [...] normalizando o socioleto brutal e insultuoso, como no caso do jornal “Der Stürmer” – especialmente voltado para a sexualidade e o baixo corporal. Neste sentido, a camarilha nazista sentia-se autorizada a aprofundar a dança macabra de seu líder, não só repetindo as fórmulas brutais de racismo, homofobia e misoginia, como ainda aprofundando-as e, como no caso das SS – com as SA e a Wehrmacht –, disputando sua melhor prática. (SILVA, 2019, p. 311).

A normalização do socioleto “brutal e insultuoso” em torno da “sexualidade e o baixo corporal”, conforme apontado por Silva (2019) nos remete diretamente à política bolsonarista e às tensões do discurso dos pastores SM e MF em torno dos temas da sexualidade, resumidamente a saber: o combate aos estudos de gênero e à posituação e manutenção de leis em prol dos Direitos Humanos LGBT+. Retomamos, no entanto, o foco para a observação dos efeitos da linguagem, ou seja, da utilização do socioleto, conforme trazido pelo autor: o sentimento das massas de autorização, repetição e aprofundamento de práticas racistas, homofóbicas e misóginas e a sua consequente normalização.

Silva (2019), no entanto, ao discorrer sobre o processo de normalização do socioleto fascista, se utiliza também de outros contextos políticos além do fascismo de Mussolini e do nazismo de Hitler. O autor enfatiza em sua discussão o uso do socioleto na política contemporânea:

A luta do PSL contra a emancipação feminina, contra a Lei Maria da Penha e os Direitos do Coletivo LGBT+ é a mesma luta do Vox conta a “Lei de Violência de Gênero” e os Direitos do Coletivo LGBT+ na Espanha. Essa linguagem comum, esse idioma circular fascista, decorre das condições comuns da sociedade repressiva existente. A fúria fascista contra mulheres, negros, grupos regionais – Nordestinos no Brasil, Meridionali na Itália, Catalães e Vasco na Espanha – e LGBT+ não é uma “cortina de fumaça” ou uma idiosincrasia. Trata-se, claramente, de ódio dirigido em razão do risco de fragmentação do domínio histórico e psicológico da violência machista, em especial contra a mulher e o povo LGBT+. (SILVA, 2019, p. 331).

No discurso dos pastores, a tensão constante em torno da perda da hegemonia patriarcal, fundamentada com argumentos religiosos apoiados na Bíblia, justificam o combate à homossexualidade e às pautas LGBT+, assim como também contra os estudos de gênero e as pautas feministas. Consequentemente, justifica também, o socioleto em torno da oposição às pautas não-cis-heteronormativas e feministas condensadas nos termos já anteriormente apresentados: ideologia de gênero, ditadura gay, kit gay, etc. Podemos afirmar com base na função do socioleto apresentada por Silva (2019) que o socioleto dos pastores funciona de modo a mobilizar as massas no processo de normalização do machismo e LGBTfobia ao consideramos o conteúdo condensado e implícito na “novilíngua” utilizada. Segundo o autor:

As palavras têm peso e desempenham um papel no processo de fascistização. O socioleto fascista, a linguagem totalitária, exerceu um papel fundamental para normalizar a violência e naturalizar o desumano, em especial o cotidiano da tortura. (SILVA, 2019, p. 331).

Conforme já afirmado anteriormente, o discurso dos pastores SM e MF, impregnados pelo uso de sua “novilíngua” gira em torno do tema central da luta em favor do que chamam de “família tradicional”, ou seja, a favor da manutenção de um “modelo de patriarcado autoritário” conforme discorre Silva (2019) como sendo este movimento de manutenção deste modelo, o centro da ação política do fascismo:

A mulher e a família, tal qual existiam no “modelo patriarcal autoritário”, tornam-se o centro da ação política dos fascismos – longe de ser uma questão lateral, ou uma “cortina de fumaça”, como imagina o reducionismo economicista, é o fulcro da ação fascista. Restaurar a dominação sobre a mulher – vista como uma entidade única e abstrata, a posse dos filhos, cuja a educação deve ser controlada, seja via a educação doméstica, seja via o controle e espionagem da escola e a extinção das formas alternativas de família – em especial as famílias homoafetivas (algo que ameaça duramente o modelo patriarcal de dominação) – é um objetivo político central. (SILVA, 2019, p. 328).

Assim como a dominação sobre a mulher e a luta dita “a favor da família” não podem ser reduzidas à uma “cortina de fumaça” sem relevância, dentro dos contextos políticos, conforme trazido por Silva (2019), o uso do socioleto, que



condensa em suas palavras e expressões uma forte carga de violência, apresenta-se como uma prática que vai muito além de uma “cortina de fumaça” sem implicações políticas, pois assim como as tensões em torno da manutenção do patriarcado, o socioleto, aparece como parte importante e fundamental do processo de fascistização. Tal afirmação está em conformidade com Klemperer (2009) quando discorre sobre como o uso da linguagem durante o Terceiro Reich desempenhou um papel central para a consolidação do regime nazista e a sua dominação na Alemanha. Segundo Klemperer (2009, p. 58), “o nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconscientemente e mecanicamente”.

Ao lançarmos um olhar sobre o discurso dos pastores SM e MF, como parte de um processo de avanço das pautas reacionárias e de poder político das igrejas neopentecostais que no Brasil, tem se fortalecido desde os anos 80, e mais especificamente, as declarações dos referidos religiosos, aqui apresentadas, observamos um percurso de quase uma década de publicações que se acumulam nas redes sociais e na *web* de modo geral, num movimento de repetição de ideias em torno da defesa da “família tradicional” e rechaço dos estudos de gênero e pautas LGBT+. Podemos afirmar que temos como parte do desenrolar de tal processo, a emergência e a normalização do socioleto do grupo religioso em expansão, cujos pastores SM e MF são os representantes mais populares, e consequentemente, todo um imaginário e significados por trás do socioleto utilizado conforme tabela que apresentaremos mais adiante.

Segundo Baczkó (1985):

O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos “discursos” nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem. Os signos investidos pelo imaginário correspondem a outros tantos símbolos. E assim que os imaginários sociais assentam num simbolismo que é, simultaneamente, obra e instrumento [cf. Castoriadis 1975; Malrieu 1967]. (BACZKO, 1985, p. 311).

Sendo assim, ao aplicarmos o que Baczkó (1985) nos revela sobre o imaginário social, torna-se compreensível o fato de que os termos difundidos pelos pastores e pelo movimento conservador, tais como signos que compõem uma novilingua, comunicam toda uma lógica e uma simbologia por trás das palavras que, ao mesmo tempo que é evocada, reforça a sua construção e permite a criação de simbolismos outros, como “obra e instrumento” do imaginário, simultaneamente. Acerca da construção dos significados, podemos estabelecer uma ponte como o que Klemperer (2009) afirma sobre emprego dos termos:

Se, por longo tempo, alguém emprega o termo “fanático” no lugar de “heroico e virtuoso”, ele acaba acreditando que um fanático é mesmo um herói virtuoso, e que sem fanatismo não é possível ser herói. As palavras fanático e fanatismo não foram criadas pelo Terceiro Reich, mas ele lhes adulterou o sentido; em um só dia elas eram empregadas mais do que em qualquer outra época. (KLEMPERER, 2009, p. 59).

A repetição ao longo do tempo apresentada por Klemperer (2009) como parte do processo de construção do significado por trás das palavras e expressões proferidas está em conformidade com o que Silva (2009) traz sobre a função do socioleto de normalização das ideias no contexto de fascistização das massas. Em outras palavras, a repetição ao longo do tempo normaliza os significados e ideias por trás das expressões e palavras que compõem o socioleto. Uma vez considerado tal fato, observamos a normalização das seguintes palavras e expressões e consequentemente das ideias nelas condensadas, identificadas nas declarações dos pastores:

TABELA 1 – Termos utilizados no discurso dos pastores SM e MF que fazem referência aos Direitos Humanos LGBT e, consequentemente, às pessoas que compõem a comunidade LGBT.

Substantivos (Palavras a serem ressignificadas no socioleto)	Termos utilizados pelos pastores (Palavras e expressões que compõem o socioleto/novilingua emergente)	Ideias e significados por trás do(s) termo(s)
Direitos Humanos LGBT; Pautas LGBT	Privilégios (gay) Ditadura gay	Destruição da família; Perda da hegemonia patriarcal legitimada por Deus; Perda da liberdade religiosa; Ativismo de



		Satanás; Risco de condenação judicial e prisão; Agenda gay; Decadência, imoralidade, imundície, etc; Busca por verbas do governo.
Estudos de Gênero	Ideologia de Gênero	Destruição da família; Perda da hegemonia patriarcal legitimada por Deus; Decadência, imoralidade, imundície, etc.
Material de combate à homofobia	Kit gay	Destruição da família; Erotização de crianças e adolescentes; Decadência, imoralidade, imundície, etc.
Movimento LGBT; Pessoas LGBT;	Ditadura gay Joguinho (gay) Inimigos	Destruição da família; Destruidores de “qualquer pessoa que se levante contra eles”; “Mamar verbas do governo, de estatais”; Pessoas que tem na cabeça o engendramento de Satanás; Ativismo de Satanás; Agentes do mal; Inimigos;
		Satanás; Decadência, imoralidade, imundície, etc.
União civil homossexual; Não-cis- heterossexualidade	Casamento gay	Destruição da família; Extinção da raça humana; Podridão dos sentimentos dos homoafetivos Penetração do ânus; Antinatural Resto (à margem, inferior às uniões cis-heteronormativas) Perda da hegemonia patriarcal legitimada por Deus; Perda dos “direitos da Igreja”; Decadência, imoralidade, imundície, etc.
Criminalização da LGBTfobia	Lei da mordça Ditadura gay	Destruição da família; Perda da hegemonia patriarcal legitimada por Deus; Perda da liberdade religiosa; Risco de condenação judicial e prisão; Decadência, imoralidade, imundície, etc.
Esquerda/Campos políticos- ideológicos divergentes da extrema direita	Marxismo Comunismo Esquerdopata (esquerdopatia)	Destruição da família; Contaminação; Disseminação do Marxismo Ateísmo; Lixo moral; Decadência, imoralidade, imundície, etc.

Silva (2019) apud Buggio (1999) discorre sobre a linguagem do fascismo:

Alberto Burgio, um antropólogo italiano, ao estudar o fascismo, numa chave explicativa anti-historicista, buscou entender o fenômeno através do que denominou de “continuum discorsivo”, ou seja, a existência de uma linguagem comum do fascismo capaz de articular, via um brutal reducionismo, cultura, sistemas de relações sociais, formas de vida e comportamentos num só sintagma, normalmente de forma pejorativa e negativizado (Burgio 1999, 22). (SILVA, 2019 apud BUGGIO, 1999, p. 45).

Quando nos debruçamos sobre o discurso dos pastores SM e MF, podemos constatar no uso das palavras e expressões empregadas, conforme apresentado na tabela 1, o que Silva (2019) apud Buggio (1999) apresenta como uma linguagem reducionista de forma pejorativa e negativizada. Linguagem, a qual, nos referimos aqui, como socioleto ou novilingua. Faz-se imperativo observar, no entanto, que o uso do socioleto nas declarações dos pastores SM e MF e a consequente normalização das ideias por trás de seus termos e expressões, dá-se de forma concomitante e reiterada ao longo dos anos com a negação da LGBTfobia por parte dos religiosos, tanto em seus discursos, quanto em suas ações e incursões na política. Compreendemos que tal fato merece uma atenção especial no sentido de que ele representa a normalização da própria LGBTfobia, que por sua vez, implica na normalização de uma série de violações à dignidade da pessoa



humana, no caso, indivíduos LGBT+, violações essas, de caráter simbólico e físico, o que inclui, não raro, a subtração do direito à própria vida e da isonomia de direitos perante os cidadãos cis-heterossexuais, o que compromete incisivamente a cidadania LGBT+ e o direito à igualdade preconizada na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e por extensão, nos demais documentos oficiais da ONU relacionados aos Direitos Humanos, os quais o Brasil é país signatário. Tal fato, nos impele a ressaltar que mesmo após a criminalização da LGBTfobia e a conquista de outros direitos referentes à pauta LGBT+, tal como a união estável, conforme já apresentado, o efetivo respeito à dignidade das pessoas LGBT+ ainda tem um longo caminho a ser percorrido. A positivação de direitos referentes à comunidade LGBT+, verificada nos últimos anos, apesar de fundamental e imprescindível, é apenas o início da viabilização ao cumprimento do respeito à dignidade das pessoas que a compõem.

Retomando a discussão em torno dos termos identificados na tabela 1, ao considerarmos o teor dos significados por trás do socioleto utilizado, é possível afirmar que a normalização de suas ideias, corresponde à normalização da LGBTfobia, negada pelos pastores. Podemos assim, compreender o uso do socioleto, no que diz respeito à normalização de suas ideias, como uma estratégia de normalização da LGBTfobia e, portanto, como estratégia de combate e negação dos Direitos Humanos LGBT+, dentro de um processo de fascistização das massas. Retomando o que Silva (2019) fala sobre a importância do uso da linguagem nos processos de fascistização, podemos tornar ainda mais precisa a compreensão do que significa o perigo da normalização das ideias que fazem parte do socioleto fascista, ao observarmos o que o autor discorre ao recorrer a Faye (1972):

Coube a Jean Pierre Faye, na sua obra “Langages Totalitaire”, como veremos, a construção do *modus operandi* pelo qual a linguagem assume, por esta via de redução da ansiedade, o papel central de construção inicial do fascismo, normalizando as ações extremistas e preparando, assim, o caminho para a ação política fascista (Faye 1972, 5). Nesse sentido, a linguagem fascista, longe de ser uma “cortina de fumaça”, exerce um importante papel de normatização do anormal, do brutal, para tornar possível o mundo fascista. (SILVA 2019 apud FAYE, 1972, p. 46).

Klemperer (2009), ao passo que aponta a cisão do nazismo de Hitler com o cristianismo da época, descreve a linguagem utilizada pelo regime como uma “linguagem do Evangelho”. Segundo o autor:

As múltiplas frases e expressões da LTI que se referem ao transcendente formam uma rede homogênea lançada sobre a fantasia do ouvinte, atraindo-o para o campo da fé. [...] Não se pode ignorar que certa nostalgia da fé e certa disposição religiosa também desempenharam um papel importante junto a alguns dos iniciadores da doutrina. Nem sempre é possível ponderar se os artífices iniciais da rede são culpados ou inocentes. Mas o efeito de seu impacto parece-me certo. O nazismo foi aceito como evangelho por milhões de pessoas porque ele usou a linguagem do Evangelho. (KLEMPERER, 2009, p. 194).

Ao afirmar que “O nazismo foi aceito como evangelho por milhões de pessoas porque ele usou a linguagem do Evangelho” Klemperer (2009, p. 195) refere-se ao apelo que o discurso nazista fazia para a crença em um mundo “higienizado”, composto e dominado unicamente pela raça ariana, supostamente superior às demais e à uma alusão ao heroísmo e à glória de um novo mundo a ser conquistado e alcançado pelo regime nazista. O autor refere-se também ao imaginário cristão ativado pela linguagem utilizada:

Todos os meios de comunicação tinham anunciado: “Cerimônia das 13 às 14 horas. Na décima terceira hora Hitler comparecerá para encontrar os trabalhadores.” Qualquer um compreende esse modelo: é a linguagem do Evangelho. O Senhor, o Salvador vem para os pobres e para os que perderam o rumo. A esperteza aparece até mesmo ao se fixar a hora — treze horas, não: décima terceira hora! Soa como muito tarde, mas ele realizará o milagre; para ele não existe tarde demais. “Bandeira de sangue na convenção do partido” — é a mesma linguagem. Dessa vez, porém, o acanhamento da cerimônia religiosa fica para trás, despe-se a velha roupagem. O imaginário cristão é transposto para o presente. Adolf Hitler, o salvador, aparece para os trabalhadores na Siemensstadt [cidade de Siemens]. (KLEMPERER, 2009, p. 90).

Quando Klemperer (2009) chama a atenção para o caráter da linguagem do Terceiro Reich de atrair os seus ouvintes para o campo da fé, tal fato parece dialogar com a linguagem dos pastores midiáticos que se fundamenta nos apelos à



fé dos seus fiéis, mais especificamente a fé na implantação do que chamam de “Reino de Deus na Terra”, cujo projeto choca-se frontalmente com os Direitos Humanos LGBT+, conforme já tratado anteriormente. Neste contexto os fiéis são conduzidos a acreditar que a sua fidelidade e obediência a Deus e a um conjunto de regras e leis por ele estabelecidas, os conduzirá a um mundo de abundância material, no caso da teologia da prosperidade, e a um ideal de vitória cujo objetivo torna-se a meta principal de suas vidas. Ao analisarmos as declarações e linguagem dos pastores midiáticos, quer o enfoque seja dado ou não aos Direitos Humanos LGBT+, o caráter de apelo à fé nos seus discursos não pode ser ignorado uma vez que desempenha um papel fundamental no processo de persuasão da audiência, valendo ressaltar que os pastores falam em nome de Deus, autoridade máxima e detentor da verdade absoluta para os seus fiéis. Ainda sobre a fé e a linguagem do Terceiro Reich, Klemperer (2009) discorre: “É evidente que a LTI, nos momentos culminantes, é uma linguagem de fé, já que visa ao fanatismo”. (KLEMPERER, 2009, p. 183). De acordo com o autor, quando discorre a respeito dos sentimentos despertados no povo alemão pela linguagem do Terceiro Reich:

É dos sentimentos que emana sua fantasia e sua devoção religiosa, capacitando-os a divinizar a natureza, “aproximando-os da terra”: fazendo-os desprezar o intelecto. O sentimento os conduz ao infinito, e assim se estrutura a tendência fundamentalmente romântica do caráter germânico. O sentimento os torna conquistadores, lhes confere a “convicção alemã de que sua vocação é dominar o mundo”. (KLEMPERER, 2009, p. 394).

A implantação do que chamam de “Reino de Deus na Terra” por meio da galgada de poder político, ou ainda a “Jesuscrazia” preconizada no banner da época da posse do pastor MF como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias do Congresso Nacional em 2013, Amorim (2017), parece dialogar com o “sentimento de dominação do mundo” trazido por Klemperer (2009). Associe-se a isso, o desprezo pelo intelecto, apresentado pelo autor como um dos efeitos dos sentimentos estimulados por meio dos apelos a fé preconizados pela linguagem utilizada. Tal fato nos remete ainda à Stanley (2018) no que diz respeito ao “anti-intelectualismo” como uma das estratégias de funcionamento das políticas fascistas, já discutidas anteriormente. Em outras palavras, o apelo a fé das massas e ao desprezo pelo intelecto apontado por Klemperer (2009) está em conformidade com a estratégia do fascismo de “anti-intelectualismo” apresentada por Stanley (2018).

No contexto da propaganda em “defesa da família”, os Direitos Humanos LGBT+, tal como políticas públicas voltadas àquela comunidade, são referenciados pelos pastores como uma tentativa de destruir a família. Por conseguinte, seriam destruidores da família todos os apoiadores daqueles direitos. Sendo assim, a propaganda mais uma vez funciona como estratégia para a diferenciação e divisão do “nós”, “defensores da família” e do “eles”, “destruidores da família”.

Sobre a questão da “destruição da família” temos uma observação: em uma fala proferida em outubro de 2019, uma ativista LGBT+, referindo-se às acusações de que o movimento político e as pessoas LGBT+ “querem destruir a família”, afirmou: “ah, porque vocês querem destruir a família... Sim, queremos...”ⁱⁱⁱ. Esta fala, sugerindo que o movimento LGBT+ quer verdadeiramente destruir a família repercutiu no meio religioso, no entanto, sabendo-se que para os pastores midiáticos e o senso comum, a família consiste exclusivamente na união entre um homem e uma mulher e os filhos gerados desta união, o fato é que não é objetivo do movimento LGBT+ opor-se a este direito de união e procriação e, portanto, não é objetivo do movimento destruir a família tal como declarado pela militante. O que ocorre é que tanto o movimento LGBT+, quanto o feminismo, baseando-se nos estudos de gênero, problematizam e questionam os papéis socialmente pré-estabelecidos para os homens e mulheres, tanto no casamento, quanto na sociedade como um todo, e é aí onde os religiosos se fundamentam para afirmar que “querem destruir a família”, justamente porque o modelo de família defendido por eles, inclui a adoção de papéis de gênero pré-estabelecidos. No entanto, é importante deixar clara a inexistência de um movimento, quer seja feminista, LGBT+, ou LGBTQIA+, ao menos no Brasil, que tenha por objetivo opor-se ao direito de um homem cis unir-se a uma mulher cis e gerar ou adotar filhos e, portanto, opor-se à existência da família, tal como é compreendida a sua composição pelo discurso conservador. E mesmo que se diga, que os movimentos LGBT+ e feminista busquem “destruir a família patriarcal”, ainda assim, tal feito não corresponde à “destruição da família”, como alardeia o movimento conservador. É preciso ter sempre claro que a mensagem transmitida às massas pelo termo “família”, centraliza-se na ideia de um homem, unido a uma mulher com vistas à procriação. As subjetividades que implicam esta união, tais como a submissão feminina ao homem e a cis-heterossexualidade compulsória, é uma questão que deve ser tratada à parte, de modo que críticas ao que se entende por “família”, não necessariamente implica em sua destruição. Aderir ao discurso de que os movimentos LGBT+ e feminista querem de fato “destruir a família”, nos remete aos relatos de Klemperer (2009) quando trata da adesão ao vocabulário nazista por parte dos judeus. Ao reportar um diálogo em que rebate o uso de tal vocabulário, o qual descreve como “submissão à linguagem do vencedor”, o autor discorre:



Você não percebe que está usando a linguagem dos nossos arquiinimigos... e assim está sendo vencida, traíndo a sua própria germanidade? Se não você, que é tão instruída, que zela pela Alemanha eterna, imaculada, quem poderá entender e evitar a linguagem do vencedor? (KLEMPERER, 2009, p. 295).

Ainda a respeito da importância da observação da relação entre a linguagem e os processos de fascistização, Silva (2019) apregoa:

Assim, essa “linguagem”, por seu caráter profundo, revela/oculta um inconsciente, é em si mesma uma psicologia social e, portanto, um espaço de luta, de disputa e debate, que não pode ser abandonado como supérfluo ou “delírio enlouquecido” do fascista. [...] Os termos da “linguagem totalitária”, a novilingua, compõem-se de daqueles “lugares”, os topoi, e sintagmas, já acima descritos: o medo à emancipação feminina; o horror ao amor LGBTQ+; as construções alucinantes como a mamadeira peniana; as ideias conspirativas como o complô do marxismo cultural, do globalismo e do ecologismo conspirativo, etc... todos voltados pretensamente para a destruição do “reino do homem comum”, o hetero branco conservador e a decisão da defesa violenta de uma utopia regressiva. (SILVA, 2019, p. 63).

Ao tratar do “lugar” dos termos totalitários, observamos que Silva (2019) apresenta características daquela linguagem que nos remetem à algumas das estratégias de funcionamento das políticas fascistas descritas por Stanley (2018) de modo que torna-se possível estabelecer uma relação entre as estratégias apresentadas por Stanley (2018) e o “lugar” da linguagem mencionado por Silva (2019) de modo que pode ser dito que o “medo à emancipação feminina”, o “horror ao amor LGBTQ+” e as “construções alucinantes como a mamadeira peniana” dizem respeito a estratégia da “ansiedade sexual”; as “construções alucinantes como a mamadeira peniana” também relacionam-se com a estratégia chamada de “irrealidade”, diretamente relacionada às populares “fake news”. Também referindo-se à estratégia “irrealidade” temos “as ideias conspirativas como o complô do marxismo cultural, do globalismo e do ecologismo conspirativo” e por último a estratégia apresentada por Stanley (2019) como “vitimismo” que corresponderia à alegada “destruição do “reino do homem comum”, o hetero branco conservador”.

Uma vez que temos o uso da linguagem como condição fundamental para os processos de fascistização das massas conforme já discutido anteriormente, consequentemente, as estratégias de funcionamento das políticas fascistas não poderiam estar dissociadas do uso da língua, no caso, a “linguagem totalitária”, ou como aqui chamamos, “socioleto” e ainda “novilíngua”. Deste modo, podemos afirmar que a linguagem de fascistização e os seu processo de normalização dos significados, no caso específico desta pesquisa, a “novilíngua” utilizada pelos pastores midiáticos SM e MF relaciona-se com as estratégias de funcionamento das políticas fascistas no sentido de viabilizar a eficácia de tais estratégias no processo de mobilização das massas e galgada de poder político.

Por fim, apresentaremos a seguir, termos do socioleto utilizados pelos pastores SM e MF, identificados em suas declarações aqui apresentadas e que estão relacionados não ao “outro”, aos “inimigos”, mas a “eles”, o grupo social dos pastores.

TABELA 2 – Termos utilizados no discurso dos pastores SM e MF que se referem ao seu grupo social.

Termos utilizados pelos pastores (Palavras e expressões que compõem o socioleto/novilíngua emergente)	Ideias e significados por trás do(s) termo(s)
Defesa da família (tradicional)	Implantação do “Reino de Deus na Terra”; Dever dos cristãos e pessoas de bem; Obediência a Deus.
Família tradicional	Família composta exclusivamente por “homem, mulher e sua prole” (único formado familiar possível de receber o status de família); Única sexualidade legítima e aprovada por Deus; Sexualidade sadia; Família virtuosa e livre da imoralidade e imundície dos sentimentos dos homoafetivos; Família onde a não-cis-heterossexualidade não tem lugar.
Reino de Deus na Terra	A implantação do “Reino” é objetivo do “povo de Deus” na Terra; Sociedade livre do pecado, o que inclui a extinção da não-



	cis-heterossexualidade e consequentemente pessoas LGBT; Hegemonia patriarcal; Tempo de glórias e vitórias.
--	--

Diferentemente do observado quando os termos se referem aos “inimigos”, ao referir-se ao seu grupo social, os termos empregados pelos pastores não demonstram desempenhar a função de negativizar os indivíduos aos quais eles fazem referência, não tendo uma conotação negativa quando considerados sob o ponto de vista da moralidade do cristianismo hegemônico, em vigência no Brasil. Podemos constatar, que a quantidade de termos apresentados na tabela 1, que refere-se aos Direitos Humanos LGBT+ e as pessoas LGBT+, de forma pejorativa e negativizada, é bem superior ao número de termos que aparecem na tabela 2, que faz referências positivas ao grupo social dos pastores, isentando-os de termos de teor pejorativo. Esta disparidade confirma o que Silva (2019) apud Buggio (1999) fala sobre a linguagem totalitária: “uma linguagem comum do fascismo capaz de articular, via um brutal reducionismo, cultura, sistemas de relações sociais, formas de vida e comportamentos num só sintagma, normalmente de forma pejorativa e negativizado”, (SILVA, 2019 apud BUGGIO, 1999, p. 45). Obviamente, o número de palavras do socioleto que se refere ao grupo social dos pastores é bem maior do que o identificado aqui. Quando afirmamos que a quantidade de termos da novilingua é maior quando se refere aos “inimigos”, isto se confirma quando se considera a perspectiva de construção da “imagem do inimigo”, no combate aos Direitos Humanos LGBT+ e pautas feministas, justamente pela necessidade em caracterizá-los negativamente, segundo identificado nesta pesquisa. O universo de termos utilizados pelos religiosos não está, de modo algum, restrito ao que foi aqui verificado. Quanto ao slogan bolsonarista “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” como parte do socioleto utilizado pelos pastores, optamos por não incluí-lo em nenhuma das tabelas apresentadas pois entendemos que ele condensa um misto de significados, ora de negatização e higienização em relação aos opositores políticos e ora de encorajamento e glória para os que empunham a sua bandeira.

Figura 1 – “Banner veiculado em ocasião da posse de Marco Feliciano na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados; nele há a convocação aos fiéis para transformar o Brasil em uma “Jesuscracia”. (AMORIM, 2017, p. 68).



Fonte: (AMORIM, 2017).

Com a tutela do PSC – Partido Social Cristão, ao qual o pastor MF era filiado na época de sua posse como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara em 2013 e ainda com o apoio da Assembleia de Deus, Igreja aos quais os pastores SM e MF são vinculados, o banner veicula mensagens que explicitamente ferem a Constituição Brasileira, a laicidade do Estado e o seu caráter democrático, ao sugerir a convocação à uma Assembleia Constituinte e



incentivar a criação de uma “Constituição Cristã”, conclamando a sua audiência a “transformar o Brasil em uma Jesuscracia”. Tal fato nos remete à implantação do “Reino de Deus na Terra” preconizado pelos pastores e a Klemperer (2009) quando discorre a respeito da linguagem do Terceiro Reich e sua relação com a fé das massas já discutida anteriormente. A afirmação no banner de que a “Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara de Deputados é agora de Deus”, pressupõe dizer que antes, a Comissão era a “encarnação do mal” ou a ele pertencia, em mais uma demonstração de como os que se sentem representados pelo banner, se colocam diante de seus adversários políticos: defensores do bem, detentores de verdades absolutas e universais, contra os agentes do mal, “pessoas que tem na mente o engendramento de Satanás”. Ao considerar o plano político de implantação do “Reino de Deus na Terra”, a imagem ao fundo, de uma mulher entre girassóis, sugere o início de um novo tempo, com vistas a um futuro que nos remete ao referido reino, um novo horizonte de prosperidade e bonança, livre dos males causados pelos LGBTs, feministas e por todo e qualquer cidadão, instituição ou grupo organizado, considerados inimigos por não estarem alinhados ao que acreditam ser verdades divinas irrefutáveis. O chamado para que os eleitores votem “apenas em candidatos cristãos”, ou “ungidos”, termo popular entre os religiosos, pressupõe que apenas os cristãos devem ser eleitos. Ainda merece destaque a mensagem “Não esqueça que Deus vigia o teu voto”. Na impossibilidade de interferir diretamente no direito ao voto secreto, ao saber que alguns eleitores podem confirmar seus votos na urna em desacordo com as suas orientações, apelam para a imagem da “vigilância divina sobre o voto”, como uma maneira indireta de interferir no direito ao voto secreto, em mais uma estratégia de manipulação dos fiéis para que atendam às suas orientações políticas e preceitos religiosos.

Ademais, o banner, diverso em conteúdo, pode ser tido como um inequívoco exemplo do que os processos de normalização da linguagem fascista e o combate aos Direitos Humanos, o que inclui obviamente os Direitos Humanos LGBT+, é capaz de produzir. Paradoxo e ironia tamanha é referir-se à uma Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados no Congresso Nacional.

CONSIDERANDO....

Ao analisarmos os discursos dos pastores SM e MF como estratégias das políticas fascistas, constatamos que elas funcionam na tentativa de ocultar a LGBTfobia e os questionamentos e avanços trazidos pelos estudos de gênero presentes no feminismo e no movimento em prol dos Direitos Humanos LGBT+. Tal fato ocorre no contexto do combate ao que chamam de “ideologia de gênero” e luta em “defesa da família”. Este combate e luta estão presentes e são reforçados por todas as estratégias observadas, funcionando também como uma defesa da perpetuação de uma estrutura e hierarquia patriarcal, machista, misógina e LGBTfóbica.

Obviamente, as liberdades de expressão e religiosa devem ser garantidas. Entretanto, elas não podem ser utilizadas como premissas para a subtração de direitos de outros vulnerabilizados e o impedimento para a positivação de leis que buscam viabilizar a garantia dos Direitos Humanos LGBT+ e a igualdade de gênero, uma vez que, do contrário, isto implica em negar o acesso das pessoas LGBT+ à sua cidadania e igualdade perante as demais, além de manter as mulheres submetidas à uma estrutura machista e misógina. As liberdades de expressão e religiosa não conferem aos seus beneficiários o direito de promover o ataque à dignidade humana e o impedimento e subtração dos direitos de outrem, tal como a proteção da comunidade LGBT+ contra crimes LGBTfóbicos, a proteção das mulheres contra as violências misóginas e machistas, dentre outras.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, Bronislaw. **A Imaginação Social**. In: Leach, Edmund et Alii. Anthropos- Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **GÊNERO, NEOCONSERVADORISMO E DEMOCRACIA: Disputas e Retrocessos na América Latina**. BOITEMPO, 1 ed. São Paulo, 2020. Ebook Kindle.
- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Campus Editora, 1990.
- BURGIO, Alberto. **“Per la Storia del Razzismo: Italiano”**. En **Nel Nome della Razza**. Bolonha: Il Mulino, 1999.



FAYE, Jean Pierre. **Langages Totalitaires**. Paris: Hermann, 1972.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KLEMPERER, Victor. **LTI: A Linguagem do Terceiro Reich**. Tradução: Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

MISKOLCI, Richard. Pânicos Morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. Cadernos Pagu, janeiro a junho de 2007.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Corpo e Negacionismo: a Novilingua do Fascismo na Nova República, Brasil 2013/2019**. Revista de História, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p.307-332, 2019.

. **O Discurso de Ódio: análise comparada das linguagens dos extremismos**. Revista Nuestramérica, [S.l.], v. 7, n. 13, p. 45-64, ene. 2019. Disponível em: <<http://revistanuestramerica.cl/ojs/index.php/nuestramerica/article/view/165/293>>. Acesso em 10 mai. 2021.

NOTAS

ⁱ De acordo com a linguística, socioleto trata-se de um “conjunto de usos de uma língua distintivos de um determinado grupo social dentro de uma comunidade de falantes; variedade social, aceção, palavra ou expressão que pertence a essa variante”. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/socioleto>. Acesso em 30 abr. 2021

ⁱⁱ Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/20/interna_politica,1268531/flavio-diz-que-pastor-silas-malafaia-influencia-o-presidente-bolsonaro.shtml>. Acesso em 10 jun. 2021.

ⁱⁱⁱ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A_HFxALrTS8>. 27”08. Acesso em 04 de jul. 2020

